

Ás de Colete



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade
ALVARO PENTEADO CRÓSTA

EDITORIA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ESDRAS RODRIGUES SILVA – GUITA GRIN DEBERT
JOÃO LUIZ DE CARVALHO PINTO E SILVA – LUIZ CARLOS DIAS
LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO
RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

Zuca Sardan

Ás de Colete

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Sardan, Zuca, 1933-
Sa72a *As de colete* / Zuca Sardan. – 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

1. Poesia Brasileira. I. Título.

ISBN 978-85-268-1079-2

CDD B869.15

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia Brasileira

B869.15

Copyright © by Zuca Sardan
Copyright © 2014 by Editora da Unicamp

1ª edição, 1994

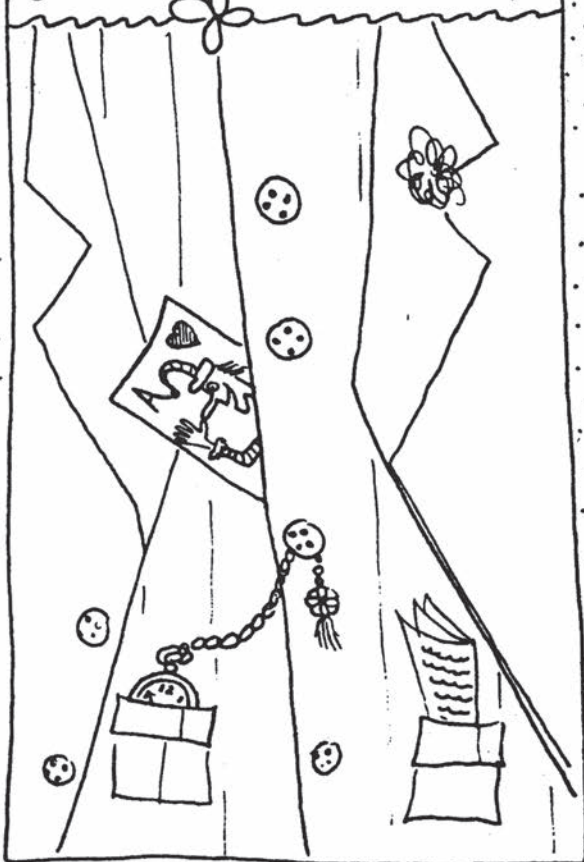
Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

A's de Colete



ZUCA SARDAN

SEU ZUCA,
O SENHOR NÃO QUER
QU'EU BATA
A MÁQUINA?...



Ora, ora...

não precisa não,

muito obrigado,

Dona Erotilde...

APRESENTAÇÃO

MARCAS NO BARALHO

Desde a década de 1950, Carlos Felipe Saldanha (ou Zuca Sardan, ou Zuca Sardanga, ou...) faz poemas e desenhos, apresentados em edições caseiras a um público restrito ou incluídos em antologias coletivas. Zuca Sardan é exemplo dessas “revelações” tardias que chegam a um público maior como ecos de uma explosão mais distante e abafada, cujos efeitos no presente desorientam também um pouco do passado... Não há dúvida de que é o caso de saudá-lo — e de recompor, a partir do *vivo* que nos oferece, o sentido do *novo*, que não tem receita nem se petrifica.

A vivacidade dos poemas e desenhos de *Ás de Colete* nasce de uma rede de paradoxos e engenhosas simulações, para logo se impor como junção muito particular de humorismo e poesia. O poeta faz seu jogo, o leitor é atraído pelo embaralhamento das cartas e das regras; não há como escapar da desnorteante sequência de mãos. O que se pode, depois de amplo desfrute, é investigar mais sisudamente os métodos da fecunda loucura do parceiro. Loucura aparente, aliás: esta poesia se expande *en toute lucidité*.

Alguns dos paradoxos e simulações: a) este livro, produto industrial que temos nas mãos, é também um caderno manuscrito frequentado por traças, e pergaminho carcomido, e uma série de esboços cênicos para um teatro de variedades;

b) os tantos versos que ressoam uma retórica vetusta e máximas sapienciais são contagiados por outros do mais cândido prosaísmo, que nem por isso deixam de aspirar à solenidade dos primeiros; c) as fábulas moralizantes, alegorias políticas e pontuações de metafísica são filtradas pela malícia de um pseudossenso comum (inclusive o do português das anedotas); d) as incursões cultas pela História, pela Mitologia, pela Religião e pelas Artes trazem referências “elevadas” que heroicamente buscam resistir às sucções do estilo “baixo” de uma conversa de bar. Tudo se apresenta com a segurança de um *vade-mécum* universal e ilustrado, em que convivem traços arcaicos e sinais de uma nova antropofagia. A provocação, como se vê, é divertida e sofisticada, e parece ter lastro num deboche brasileiro com acesso a Rabelais, Swift, Maquiavel, Machado de Assis e Oswald de Andrade, e que não deixa de se deliciar com antigos almanaques, cartuns e seções do *Reader's Digest*.

Penso que o humor dos poemas de Zuca tanto interessa por seus efeitos imediatos como pela perspectiva cultural implicada, em que se revelam sintomas de nosso tempo. O poeta brinca a cada página com formas e temas em princípio “graves”, mas brinca obsessivamente, como quem depende dessa mesma gravidade, numa espécie de parasitismo que simula independência quando de fato extrai do hospedeiro a força substancial. Das graças da Retórica antiga nosso poeta aproveita contribuições para sua retórica pessoal; da História oficializada adapta momentos pedagógicos, feitos notáveis e pequenos recontos; de Maquiavel recolhe as virtudes dos nobres e dos soberanos; do Inferno mítico ou católico seleciona seus próprios demônios, assim como instala num Paraíso particular aquele Deus distraído, com os binóculos

no horizonte. Embora os poemas tenham inequívocos contornos da sátira e da paródia tradicionais, dedicam-se também a um convívio estreito e simpático com o objeto do riso, como se não pudessem expurgar de todo a solenidade hilarizada. Não é ainda o *humour*, caminho da melancolia, mas já deixou de ser a gratuidade do piadismo avulso: o humor de Zuca Sardan faz pensar num meio-termo cediço, que tanto supõe a radicalidade cortante das “garras de aço” quanto o amortecimento civilizado das “garras de pelica”. O poeta simula conciliar, para efeito de irrisão, o que de fato acaba conciliado, na forma de perturbações poéticas. Talvez porque o humorista, quando vem combinado com o poeta, já não se distancie completamente de seu objeto, vinculando-se a ele pelo que há de empenho íntimo em toda formalização artística bem-sucedida. Como num teatro de sombras, as criaturas projetadas denunciam, em outro plano, as tentativas de fuga do seu criador.

Rir-se da intimidade lírica, dos ideais humanistas e das utopias políticas é praticamente um dever dos “modernos”, que sabemos tudo e somos mais espertos. Zuca Sardan finge acompanhar e municiar esse riso tolo, numa grande e festiva liquidação — mas seus temas revolvem, sim, o Poder, a Moral, a Ética e a Política, materializados em suas fontes e manifestações históricas mais agudas enquanto despencam no chão do estilo macarrônico. Não nos enganemos: esse estilo não dispensa vibrações subterrâneas. Que “Sol” é aquele que morre no “Hospital Sideral” e acaba sumindo por “um furo preto”? Que Soberanos, Príncipes e Estadistas são esses cuja opinião vitoriosa se apoia em baionetas e cuja manutenção no poder depende da opressão vigilante? Que país mesmo é esse em que a abundância da produção agrícola contraria

a lei do lucro e faz com que o primeiro-ministro peça mais moderação? Pequenas e grandes alegorias ficam abertas para o leitor e agem como sismógrafos que não perdem a escala no epicentro dos terremotos. Nem custa lembrar que o livro pertence à década de 1970, e que os “despilfarros” de Zuca Sardan não se mostram insensíveis ao molho azedo da época.

Será muito acaciano concluir que o colorido painel tem perspectiva, que a pluralidade mantém um eixo e que o humor pega fundo? Pois ao leitor caberá enraizar a obviedade que é o talento de Zuca nas contradições mais fundas que ele escava, contradições suas e nossas, que constituem a provocação maior deste livro. Se ainda me permitem, quero associar o “impiedoso” que há no humor de Sardan à específica “impiedade” de tantas cenas de um Fellini mais desencantado, em que toda ameaça de paixão (como em *Ginger e Fred*) leva logo uns cascudos do pragmatismo triunfante, e em que aos esperançosos fica reservado aquele “calote metaphysico” definitivo — contrapartida celestial das leis do supermercado aqui na Terra. Se do ângulo moderno da produtividade a qualquer preço toda busca de valor ético é coisa antiga e merece o encontro de uma caricatura, do ângulo de Sardan o caricato se prolonga até o moderno, borrando-se os óbices ancestrais nos mais recentes. Esse poeta encontra seus simulacros em lugares e tempos muito diversos, como um curinga de muitas linguagens. Alguns talvez saúdem sua poesia como uma feliz, necessária e moderna despersonalização dentro da aldeia global; eu fico do lado dos que a saudarem como vingança de um sujeito lúcido, que bombardeia de gravata borboleta a crescente falta de assunto.

Alcides Villaça

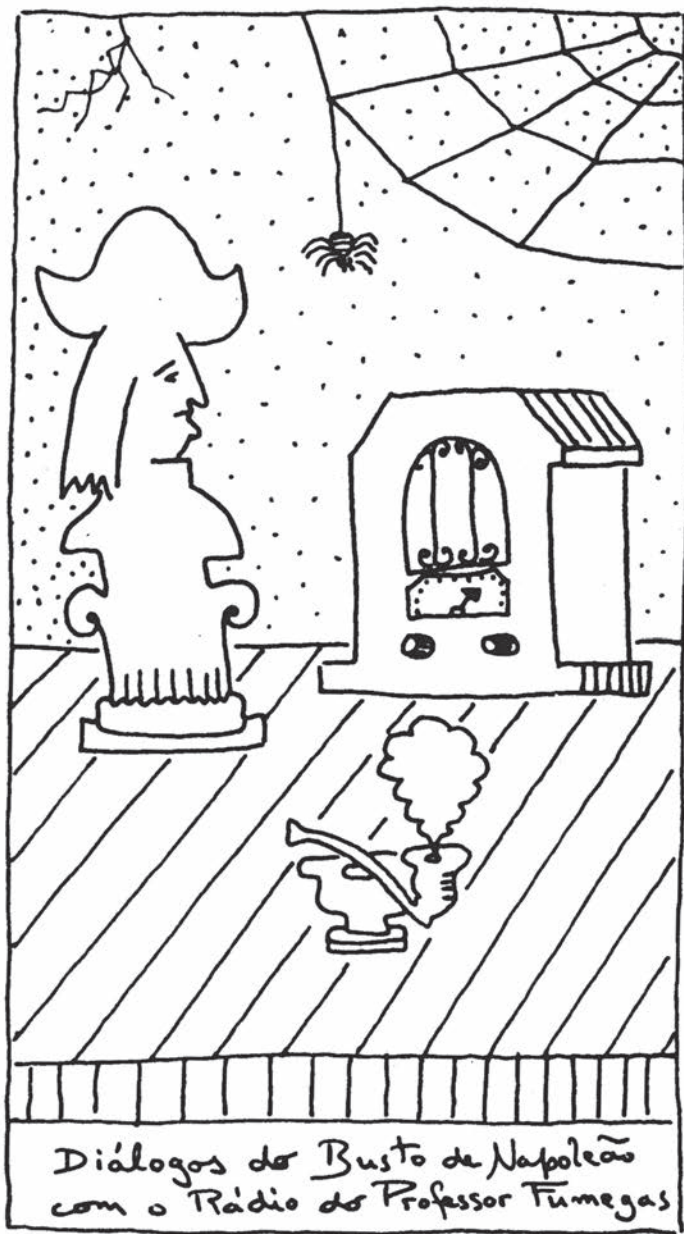
A's de Colete



POESIAS DE

Zuca Jordan



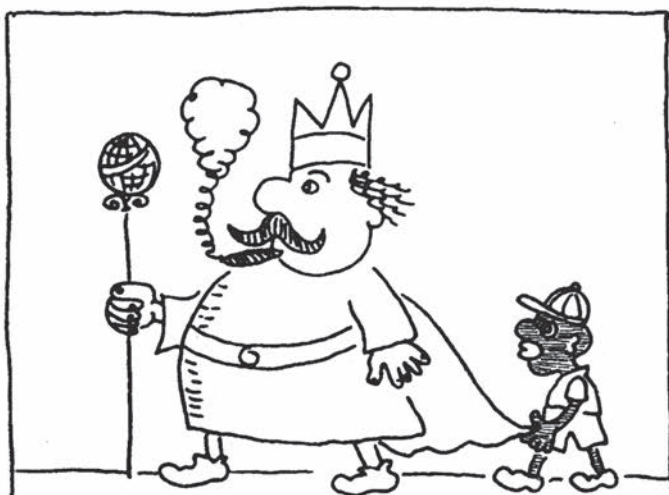


Diálogos do Busto de Napoleão
com o Rádio do Professor Tumegas

Sumário

- | | | | |
|----|------------------------|----|----------------------------|
| 17 | O SOBERANO | 55 | RUA DESERTA |
| 18 | MORFOLOGIA DO SOBERANO | 58 | TEATRO DE PLUTÃO |
| 20 | O TRIUNFO | 59 | ESPECTÁCULO |
| 21 | ESTRATÉGIA | 61 | SE ACABOU |
| 22 | GEOGRAFIA HUMANA | 67 | SIC TRANSIT |
| 23 | CORSO SUTIL | 70 | DESIGNIOS REAIS |
| 25 | VADEMECUM | 73 | NÊNIA AO NANIÇO DO VASCO |
| 26 | AMORITORI TE SALUTANT | 77 | CASTELO ASSOMBRADO |
| 27 | BADERNA GERAL | 78 | SONETO 1176 |
| 29 | O DILEMA DO PRÍNCIPE | 79 | GARRAS DE AÇO |
| 30 | VEA VICTIS | 80 | MAPAS PERDIDOS |
| 32 | NAUFRÁGIO | 81 | TANGO ARGENTINO |
| 33 | LATIFÚNDIOS | 83 | GIRALDO CARTOLA |
| 35 | FALHA DA NOBREZA | 84 | FASCÍNIO DO ORIENTE |
| 37 | O SEGREDO DO VIVENTE | 85 | TANGO DO ELEFANTE |
| 38 | A POSTERIDADE | 86 | REGALO IMPERIAL |
| 42 | Os Dois Caminhos | 87 | A ODALISCA |
| 43 | Vidinha Difícil | 89 | BALADA DA SENHORA DE TOUCA |
| 45 | PREDICADOS DA NOBREZA | 90 | DELÍQUIOS TERMAIS |
| 47 | A OMESSA DO BAR | 91 | O BARATÃO DESCASCADO |
| 49 | NAVIO PIRATA | 92 | CREPÚSCULO DOS DEUSES |
| 51 | BEATITUDE | 93 | NAUFRÁGIO NOTURNO |
| 54 | VIDA DE ARTISTA | 97 | O TUBARÃO |

- | | | | |
|-----|-------------------------|-----|-----------------------|
| 100 | VOSTRADAMUS | 115 | MANGAS DO CÉU |
| 101 | SENHORA DE TOUCA | 117 | ÁGUILES E A TARTARUGA |
| 102 | O CONDE DE LISLE | 118 | UMBIGO DO BRASIL |
| 103 | COSMOGONIA PANCHU | 125 | DÚVIDA CRUEL |
| 105 | LÉVANDO A VIDA | 126 | DRAMA NOS BASTIDORES |
| 106 | O SULTÃO DA TURQUIA | 127 | CALOTE METAPHYSICO |
| 107 | O SHEIK DE NITERÓI | 128 | CIRCO CÔSMICO |
| 110 | EXAGEROS AGRÍCOLAS | 129 | DESPILFARRO CÔSMICO |
| 111 | TRESLOUCADA BAILARINA | 130 | O SOL NO HOSPITAL |
| 112 | VITÓRIA DO ARRANCA-TOCO | 131 | A MORTE DO SOL |



O SOBERANO

✿

O Soberano vem chegando
tirando baforadas
do charuto matarrato ...
O pretinho corre atrás
segurando a borda
da capa gremá .

✿

O Soberano olha de soslaio
atrás da cortina
e debaixo da mesa .
O Soberano perfeito
deve suspeitar de tudo .



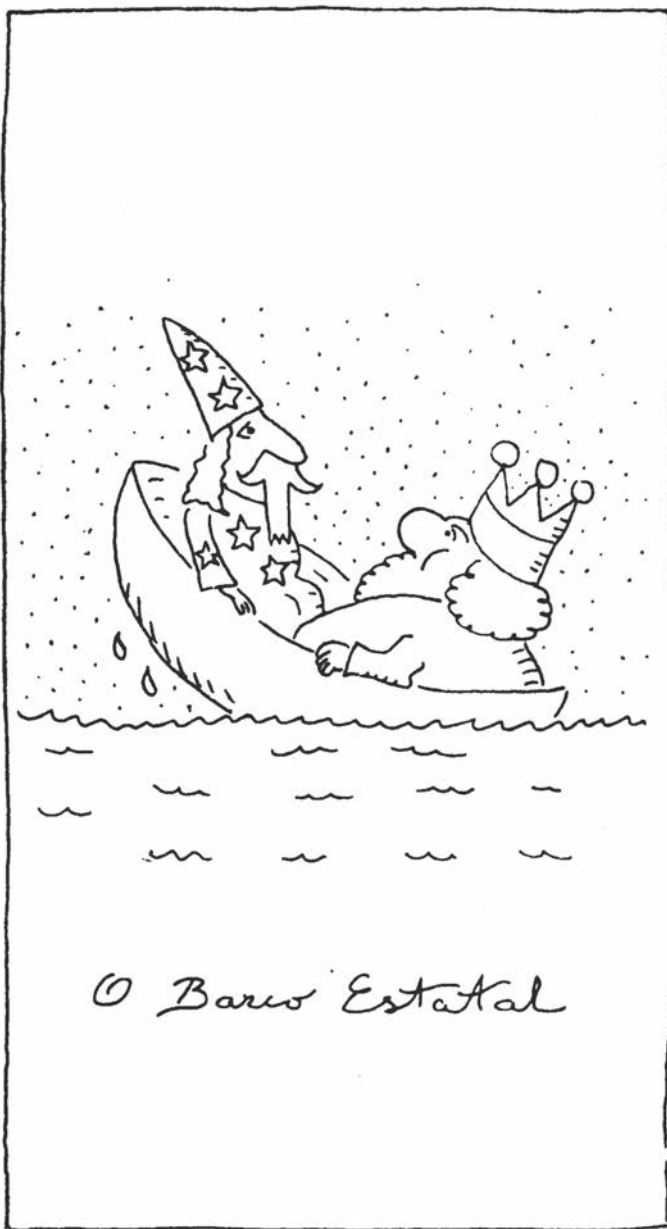
C MORFOLOGIA DO SOBERANO

A altura do Soberano
depende da altura de seu povo.
Assim, o Soberano dos suecos
mais alto é que o ...
dos esquimós.

Só deve o Soberano prometer
o que deseja mesmo
cumprir de verdade.
O difícil é depois
não mudar de idéias ...

Um Soberano que se apóia
num só Partido
faz inclinar o barco estatal
e apressa o naufrágio.
Principalmente,
se for gordo ...





© Barrio Estatal

